

Evolução da população do Rio Grande do Sul.

**Maria de Lourdes Teixeira Jardim
Fundação de Economia e Estatística**

Área Temática: Emprego e Mercado de Trabalho, Demografia Econômica.

1 - Introdução

Este texto foi elaborado a partir da apresentação realizada no Seminário Censo Demográfico de 2000, Rio Grande do Sul - Ciclo de Debates, realizado na Fundação de Economia e Estatística no dia 4 de dezembro de 2001. Neste evento ficou a nosso cargo mostrar a evolução da população do Rio Grande do Sul e dos componentes demográficos ao longo do século passado, ficando sob a responsabilidade dos outros e expositores a análise da dinâmica demográfica recente. A idéia era explorar os dados encontrados no CD *Um século de população do Rio Grande do Sul*, que estava sendo lançado naquele evento. Assim, do mesmo modo que na apresentação do Seminário, o objetivo deste texto é apresentar uma breve análise da evolução da população do Rio Grande do Sul e dos componentes demográficos ao longo dos últimos cem anos.

Quando da realização do referido seminário, o IBGE ainda não havia divulgado os resultados definitivos, referentes ao universo, do Censo Demográfico de 2000. Apesar de não haver diferenças significativas entre os dados divulgados na sinopse preliminar, que era a informação disponível na data do evento, e os resultados do universo do censo demográfico de 2000, somente neste último é que foram divulgadas as informações sobre a estrutura etária da população. Assim, na análise da evolução da população do Rio Grande do Sul que será feita aqui serão incorporados os dados definitivos do censo demográfico de 2000. Além disso, foram incorporadas algumas modificações na forma de apresentação dos dados. Devido ao fato deste texto ser fruto de uma apresentação visual, apesar destas modificações, a ilustração das informações ainda está concentrada em gráficos.

Em síntese, neste artigo se examinará o comportamento, ao longo dos últimos cem anos, da tendência de crescimento da população do Rio Grande do Sul, da evolução dos componentes que afetaram estes componentes: mortalidade,

fecundidade e migração¹, e como a evolução deste componentes afetou a estrutura da população por faixa etária e sexo.

2 – Evolução da População total

O Rio Grande do Sul conta atualmente com mais de 10 milhões de habitantes. Em 1900 o Estado possuía 1.149.070 habitantes passando para 10.187.798 em 2000. O ritmo de crescimento da população do Rio Grande do Sul no início do século foi muito intenso (3,26% ao ano), levando aproximadamente 20 anos para dobrar o volume populacional. Já nos últimos vinte anos a população do Estado aumentou em apenas 30%. A população do Estado tem crescido a taxas decrescentes a partir da década de 50, quando apresentava uma taxa de 2,57% ao ano, sendo que na última década cresceu apenas 1,21% (Tabela 1).

Tabela1

População Total e taxa média de crescimento anual da população do Rio Grande do Sul e do Brasil—1900 – 2000.

ANOS	População Total		TAXAS DE CRESCIMENTO ANUAL (%)	
	RS	BRASIL	RS	BR
1900	1.149.070	17.438.434	2,50	1,98
1920	2.182.713	30.635.605	3,26	2,86
1940	3.320.689	41.236.315	2,12	1,50
1950	4.164.821	51.944.397	2,29	2,34
1960	5.366.720	70.992.343	2,57	3,17
1970	6.664.891	94.508.583	2,19	2,90
1980	7.773.837	121.150.573	1,55	2,51
1991	9.138.670	146.917.459	1,48	1,77
2000	10.187.798	169.799.170	1,21	1,62

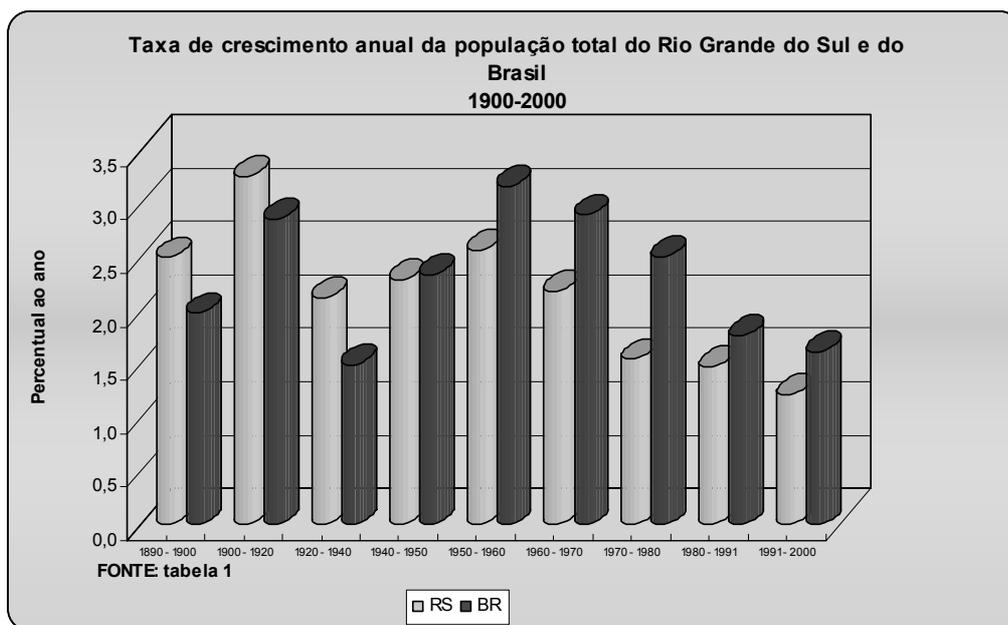
FONTE: Um século de população no Rio Grande do Sul.
 IBGE (2001) www.ibge.gov.br
 Censo Demográfico de 2000.

¹ Didaticamente, o crescimento da população é descrito pela *Equação Demográfica Básica*: $P_t = P_0 + N - O + I - E$, onde: P_t - é a população de uma região no ano t , P_0 - é a população de uma região no ano 0 , N - é o número de nascimentos ocorridos entre o ano 0 e t , O - é o número de óbitos ocorridos entre o ano 0 e t , I - é o número de pessoas que imigraram para a região entre o ano 0 e t e E - é o número de pessoas que emigraram da região entre o ano 0 e t

As explicações para o elevado aumento populacional do início século são o grande volume de imigrantes e a alta fecundidade das mulheres gaúchas deste período. Já o outro componente que determina o crescimento populacional, a mortalidade, tem efeito negativo no crescimento da população, portanto, se no início do século as taxas de mortalidade da população fossem menores, o Estado apresentaria crescimento ainda mais elevado.

Quando comparamos o comportamento do crescimento da população gaúcha com a do Brasil, como um todo, verificamos que são parecidas, as diferenças estão no ritmo de crescimento. De fato, até 1940, devida principalmente a maior proporção de imigração estrangeira do Estado, as taxas de crescimento da população do Rio Grande do Sul eram maiores do que as do Brasil como um todo. Nos anos posteriores a 60, em função da menor fecundidade das mulheres gaúchas e da migração de gaúcho, principalmente para outros estados, as taxas de crescimento populacional do Estado são menores do que a média brasileira. É neste período que se inicia no Brasil o processo de queda acentuada da fecundidade e de expansão da fronteira agrícola. Embora, nas últimas décadas as taxas de crescimento do Rio Grande do Sul ainda sejam menores da que as do Brasil, as diferenças são menos significativas do que as verificadas até 1980, contribuíram para esta tendência, por um lado, a generalização da queda da fecundidade, já que no início da transição, era restrita as regiões Sul e Sudeste, por outro, a diminuição da emigração de gaúchos para outros estados.

Gráfico 1



3 – A evolução do Número médio de Filhos por Mulher

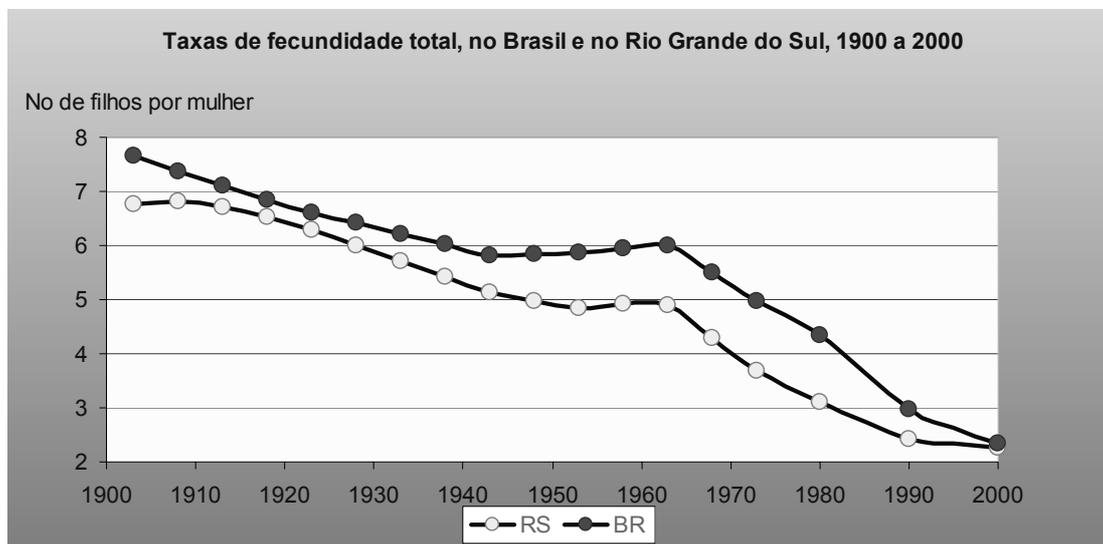
A taxa de fecundidade total, que representa o número médio de filhos que uma mulher teria no final de seu período reprodutivo, é um dos indicadores demográficos que mais influencia no crescimento e na estrutura etária da população de uma região maior². Este indicador era acima de seis filhos por mulher até o final da década de 30, alcança 5 filhos por mulher em 1950 e se mantém neste patamar até a década de 60 . Entre as décadas de 60 e 90, há uma queda acentuada na fecundidade das mulheres gaúchas, passando de 4,9 filhos por mulher no início da década de 60 para 2,4 no início dos anos 90 (gráfico 2). Dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD) de 1999 mostram que a fecundidade das mulheres gaúchas continua caindo, sendo estimada em 2,3 filhos neste ano.

A fecundidade média das mulheres brasileiras, como um todo, é maior do que as do Rio Grande do Sul. Ao longo do século as diferenças são menos significativas ao redor do século 20. Em 1903, as mulheres gaúchas tinham em média um filho a menos do que a média das mulheres brasileiras, esta diferença se reduz, no início da década de 20, e volta a aumentar alcançando, de novo, a média de 1 filho por mulher por volta de 1950. Com o início da queda acentuada da fecundidade no Brasil, esta diferença se mantém em mais de 1 filho por mulher até 1980. Os dados do final do século mostram que há uma convergência nos níveis de fecundidade.

As altas taxas de fecundidade experimentadas pelas mulheres até a década de 50 são explicadas pela fecundidade natural, já que, naquela época, não havia quase nenhum controle de natalidade. Além disso, as famílias numerosas, em uma sociedade predominantemente rural, eram economicamente vantajosa. Com o início da urbanização e a disseminação dos métodos anticoncepcionais, há uma redução no tamanho médio das famílias. A redução da fecundidade no Brasil inicialmente ocorre somente nas zonas mais desenvolvidas do país³. Devido principalmente a generalização do uso de métodos anticoncepcionais, na última década, a fecundidade das mulheres brasileiras das zonas menos desenvolvidas estão muito próximas da das mulheres residentes nas áreas mais desenvolvidas, mostrando que há uma convergência nos níveis de fecundidade, comportamento este que é verificado em toda a América Latina.

² Em regiões menores, como município, normalmente a migração é o componente mais importante.

Gráfico 2



FONTE: Um século de população no Rio Grande do Sul
FEE/NIS

4 – A Evolução da Expectativa de Vida.

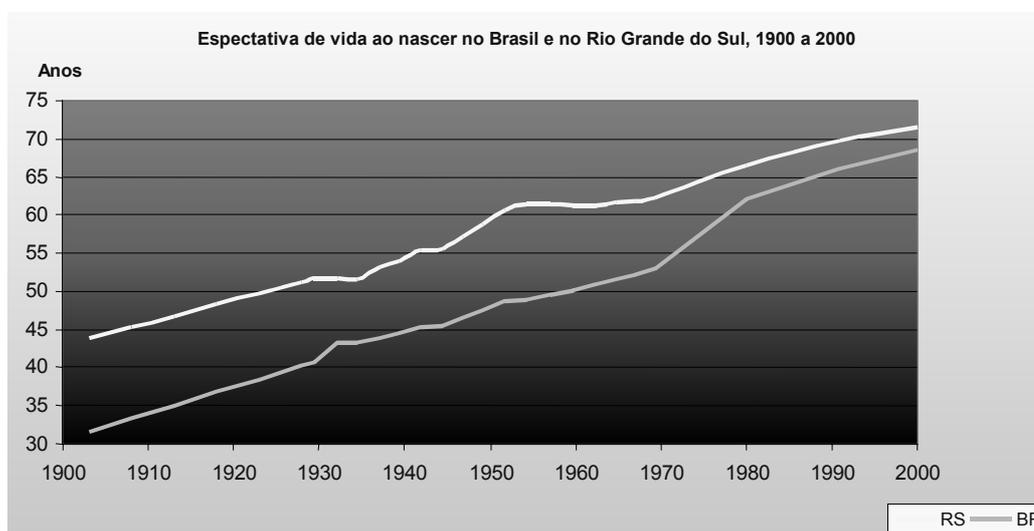
No início do século, um gaúcho recém-nascido esperaria viver em média 43,9 anos. Em 2000, a expectativa de vida da população do Rio Grande do Sul é de 71,6 anos, ou seja, os gaúchos de hoje vivem em média 27,7 anos a mais do que os do início do século. O ganho em número de anos vivido pela população do Rio Grande do Sul foi acentuado até a década de 50. Entre 1950 e 1970 há uma redução no ritmo de crescimento deste indicador, voltando a crescer em ritmo mais acelerado entre 1970 e 1990.

Os gaúchos, em 1900, viviam, em médias, 12 anos mais do que a média dos brasileiros. Até a década de 30, o ritmo de crescimento da expectativa de vida da população brasileira foi mais acentuado do que a do Rio Grande do Sul. Entre 1930 e 1950, o ritmo de crescimento da expectativa de vida da população do Brasil é menor do que a do Rio Grande do Sul.

³ Explicações para os atuais baixos níveis de fecundidade estão relacionadas, entre outros fatores, com: maior participação feminina no mercado de trabalho, aumento das aspirações sociais e econômicas, crescente controle da natalidade (principalmente esterilização) e aumento do nível educacional.

O Rio Grande do Sul apresenta um dos maiores níveis de expectativa de vida ao nascer do Brasil. A expectativa de vida ao nascer é um dos principais indicadores da qualidade de vida de uma população, já que esta estatística é o resultado das condições médico-sanitárias da população. De fato, foi no século passado que os avanços na medicina foram mais significativos. Além dos grandes progressos na medicina, contribuíram para a maior expectativa de vida da população o aumento das condições de saneamento básico, a disseminação da prevenção de doenças, o maior controle de doenças transmissíveis, a maior cobertura da imunização e, de uma maneira geral, a disseminação do acesso aos serviços de saúde. Estes avanços nas condições médicas e sanitárias associado à melhoria dos níveis educacionais da população foram preponderantes para o aumento da expectativa de vida da população ao nascer já que aumentou a chance de vida em todas as faces de vida. Assim, o controle das doenças infecciosas e parasitárias contribuíram para a redução da mortalidade infantil, a redução da mortalidade materna e das guerras diminuiu a mortalidade de jovens adultos e o controle das doenças aumentou a chance dos idosos viverem mais anos.

Gráfico 3



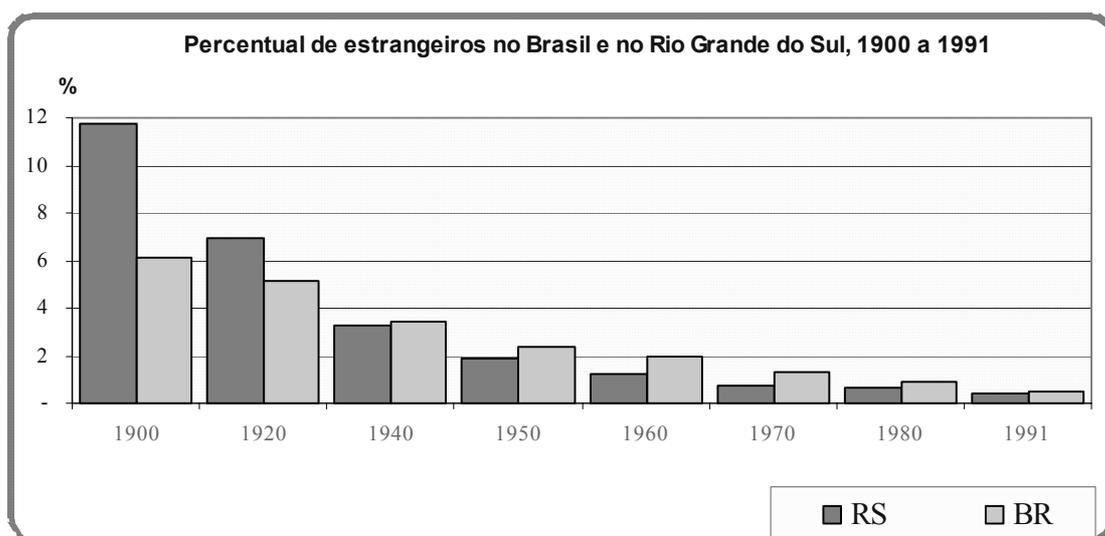
FONTE: Um século de população no RS
Síntese de Indicadores do IBGE

5 – O comportamento das migrações

Em 1991, a proporção da população residente no Rio Grande do Sul que não é brasileira nata era de 0,44%, enquanto que em 1900 era de 11,76%. No Brasil, a proporção de estrangeiros em 1900 era significativamente menor do que a do Rio Grande do Sul (6,16%), já em 1991, a proporção de estrangeiros no Brasil é um pouco maior do que a do Estado (0,52%) (gráfico 4). A maior proporção de emigrantes estrangeiros em 1940 era de italianos (22%), uruguaios (21%) e alemães (15%). Em 1960 o número de uruguaios e alemães residentes no Rio Grande do Sul ultrapassa o de italianos. Nas décadas seguintes, o número de uruguaios residentes no Rio Grande do Sul mantém a primeira posição alcançando a proporção de 36% da população estrangeira do Rio Grande do Sul em 1991.

Enquanto que no início do século o contingente de estrangeiros na população do Estado era significativo, ao longo do tempo, assume maior importância os fluxos de migração interna, tanto pelo aumento do percentual de gaúchos morando em outros estados como pela presença cada vez maior da população de naturais de outros estados residindo no Rio Grande do Sul.

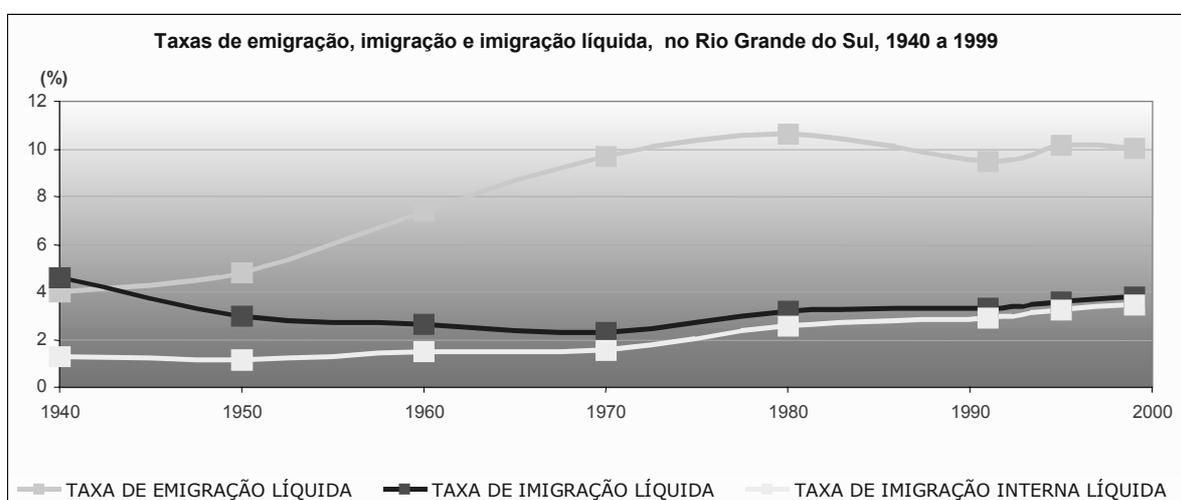
Gráfico 4



FONTE: Um século de população do RS

A proporção de naturais do Rio Grande do Sul residindo fora do Estado - taxa de emigração⁴ - que em 1940 era de 4% cresce até a década de 70 e, após esse período, permanece em aproximadamente 10%. A distribuição da população natural do Rio Grande do Sul por lugar de residência mostra que a maior concentração de gaúchos residentes fora do Estado é em Santa Catarina e no Paraná, até a década de 70 há um crescimento da proporção de gaúchos nestes dois estados. A queda da participação dos estados da região Sul nas décadas seguintes é devida principalmente ao aumento do volume de gaúchos nos estados da região centro-oeste⁵.

Gráfico 5



FONTE: Um século de população do RS

Ao contrário da taxa de emigração líquida, a proporção de imigrantes da população do Rio Grande do Sul apresenta decréscimos entre 1940 e 1970. Já a taxa de imigração interna, é sempre crescente. O comportamento destas taxas é reflexo da perda de participação da população estrangeira no Estado e ao aumento dos fluxos interestaduais. De fato, em 1940, 72% da população não natural do Rio Grande do Sul era de estrangeiros, já em 1991 esta proporção é de 13%. Desde a década de 70 a proporção de catarinenses residindo no Rio Grande do Sul é maior do que a de estrangeiros. Os dados de 1991 revelaram ainda que o volume de imigrantes

⁴ A taxa de emigração calculada com os dados censitários é a percentagem de naturais do Estado residindo em outras UF, portanto não está computado o migrante internacional.

⁵ Estes dados encontram-se em tabelas do CD um século de população, e não estão ilustrados neste artigo.

estrangeiros ocupa a terceira posição, abaixo de Santa Catarina e Paraná. Devido à migração de curta distância e a migração de retorno os estados de Santa Catarina e Paraná são os que apresentam os maiores volumes tanto de emigração quanto de imigração.

Enquanto que no início do século o contingente de estrangeiros na população do Estado era significativo, ao longo do tempo, assume maior importância os fluxos de migração interna, tanto pelo aumento do percentual de gaúchos morando em outros estados como pela presença cada vez maior da população de naturais de outros estados residindo no Rio Grande do Sul. A migração de retorno influencia a emigração porque parte dos imigrantes, ao voltar, traz família formada por naturais do Estado para onde migraram.

6 – Evolução da distribuição da população do Rio Grande do Sul por faixa etária e sexo.

A análise da estrutura etária por sexo, representada graficamente pelas pirâmides, sintetiza ao longo do tempo das componentes da dinâmica demográfica: mortalidade, fecundidade e migração. Ao longo deste século há um acentuado estreitamento da sua base, significando um decréscimo do número de nascimentos no decorrer do período considerado. Portanto, a sua forma está se modificando, perdendo a base larga, assumindo a forma de uma pêra, ou seja, um maior contingente populacional nas idades intermediárias em consequência das altas taxas de fecundidade do passado e da redução da mortalidade.

Gráfico 6

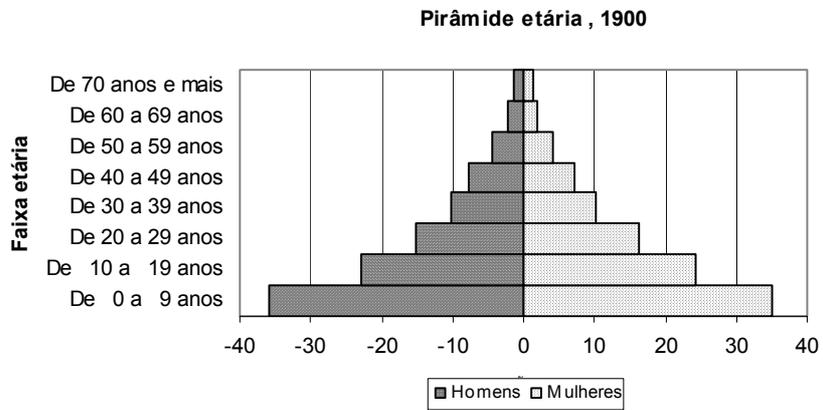


Gráfico 7

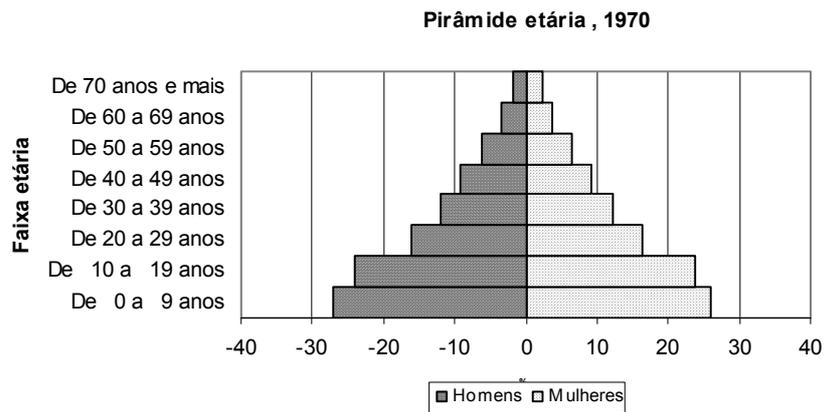
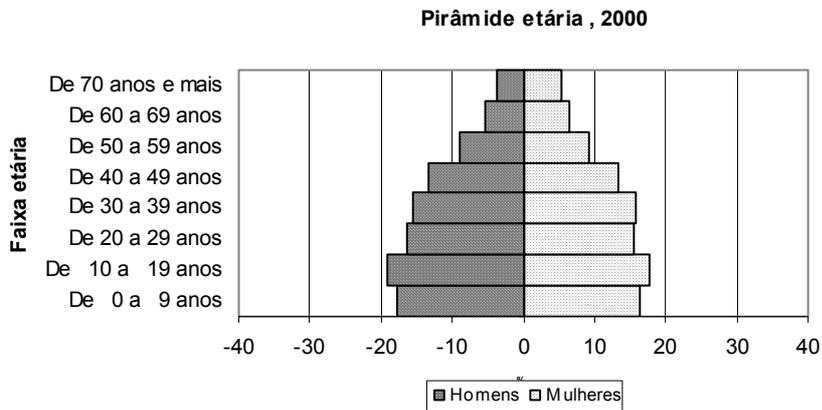
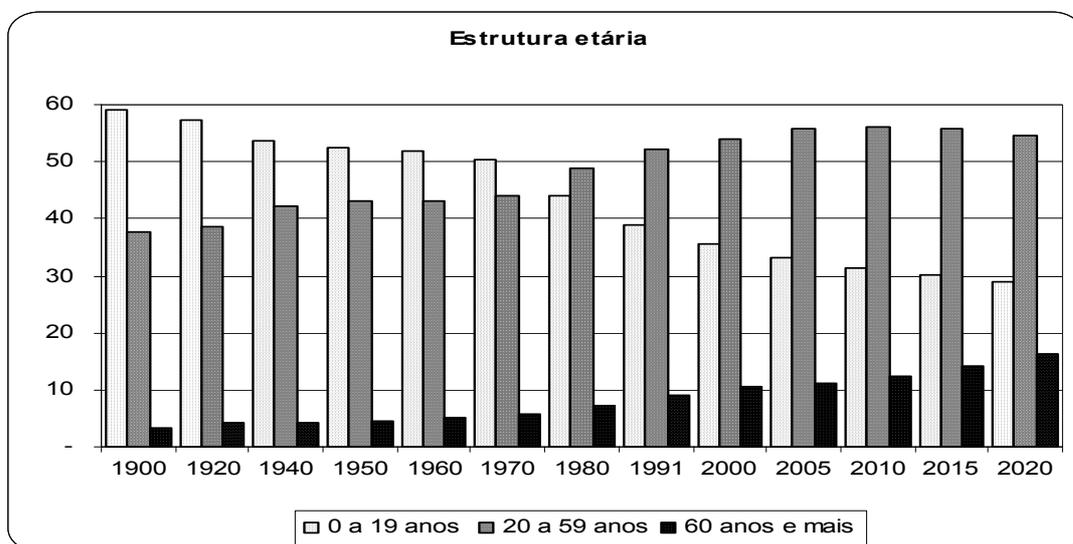


Gráfico 8



A estrutura da população do Rio Grande do Sul, por grandes grupos etários no período 1900-2000 revela um decréscimo acentuado na participação relativa da população com menos de 19 anos, passando de 59,02% em 1900 para 35,54% no ano 2000. Como pode ser constatado no gráfico 9, a proporção de jovens até 1970, não se altera significativamente, já que em 70 anos teve uma redução de apenas 3,48 pontos percentuais. Isto se deve as altas taxas de fecundidade do período e ao grande contingente de jovens que migraram para o Estado. Já nos últimos 30 anos, devido a acentuada queda da fecundidade, houve um decréscimo de 14,73% na proporção de jovens.

Gráfico 9



FONTE: Um século de população do RS
Censo demográfico de 2000

Por outro lado, a participação da população em idade potencialmente ativa (de 15 a 59 anos) que em 1900 era de 37,59% alcança 54,00% em 2000. Como pode ser verificado no gráfico 9, até a década de 70 o percentual de jovens era maior do que a de adultos, isto ocorre, por um lado, devido a acentuada queda da fecundidade, por outro, a elevada fecundidade do passado. Nos anos posteriores a 1980, há uma significativa elevação da participação da população em idade potencialmente ativa. Os dados recentes mostram que mais da metade da população tem entre 20 e 59 anos. Em função *inércia demográfica* mesmo considerando que a fecundidade e a mortalidade continuarão com a mesma tendência do passado recente, somente em

2010 é que a participação da população potencialmente ativa do Rio Grande do Sul começará a decrescer.

A população com 60 anos e mais apresenta uma participação cada vez maior no contingente populacional: cresce de 3,39% para 10,46% no mesmo período. Em termos absolutos, nos últimos 20 anos, o número de idosos dobrou. Em 2020 aproximadamente 2 milhões de pessoas, no Rio Grande do Sul, deverá ter mais de 60 anos.

A razão de sexo, representada pelo número de homens para cada cem mulheres, é um indicador que permite uma análise mais aprimorada de alguns fenômenos demográficos dependentes de gênero. No Rio Grande do Sul este indicador tem apresentado uma tendência de queda no período analisado. No início do século havia 103,42 homens para cada cem mulheres, passando a 96,18 no ano 2000 (Tabela 3.4). A análise por grandes grupos etários idade deste indicador revela que somente no grupo etário de 0 a 19 anos há mais homens que mulheres, condizente com o número de nascimentos masculinos que é geralmente superior ao nascimento de meninas. Nas idades mais avançadas, há uma predominância de mulheres, representando a mortalidade seletiva por sexo, uma vez que a expectativa de vida das mulheres é maior do que a dos homens.

Gráfico 10

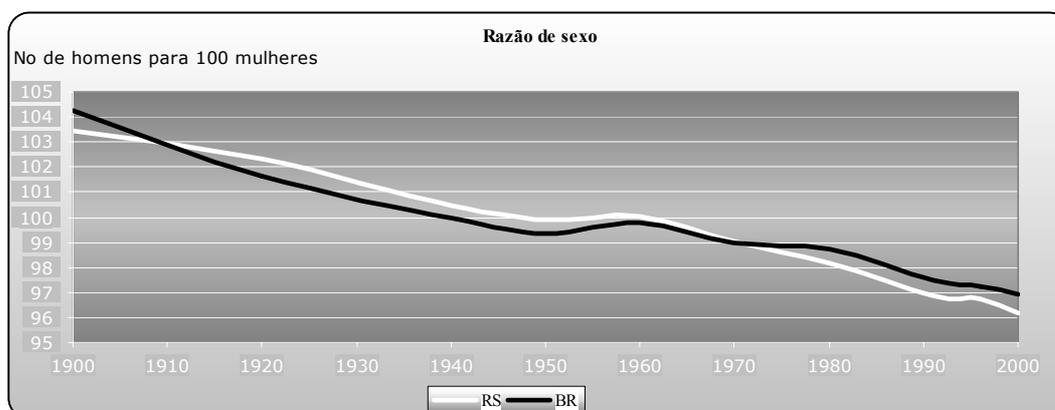
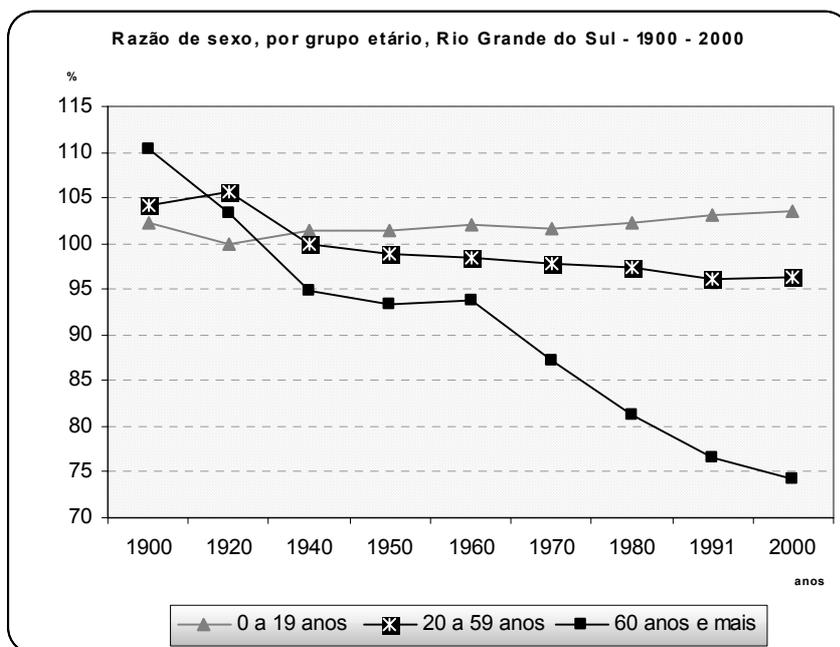


Gráfico 11



7 – Bibliografia

ANNUAIRE STATISTIQUE DU BRÉSIL 1908-1916: territoire et population (1916).
Rio de Janeiro: Ministère de l'Agriculture, Industrie et Commerce. v. 1

ANUÁRIO ESTATÍSTICO DO BRASIL 1994 (1994). Rio de Janeiro: IBGE. 1v.

CENSO DEMOGRÁFICO 1950: Brasil (1956). Rio de Janeiro: IBGE. 334p.

CENSO DEMOGRÁFICO 1960: Brasil (196?). Rio de Janeiro: IBGE. 138p.

CENSO DEMOGRÁFICO 1970: Brasil (1973). Rio de Janeiro: IBGE. 267p.

CENSO DEMOGRÁFICO 1980: Brasil (1983). Rio de Janeiro: IBGE. 3v.

CENSO DEMOGRÁFICO 1991: Brasil (1996). Rio de Janeiro: IBGE. 6v.

CENSO DEMOGRÁFICO 1940: Rio Grande do Sul: população e habitação (1950).
Rio de Janeiro: IBGE. 307P.

CENSO DEMOGRÁFICO 1950: Rio Grande do Sul (1955). Rio de Janeiro: IBGE.

134P.

- CENSO DEMOGRÁFICO 1960: Rio Grande do Sul (196?). Rio de Janeiro: IBGE. 137P.
- CENSO DEMOGRÁFICO 1970: Rio Grande do Sul (1973). Rio de Janeiro: IBGE. 783P.
- CENSO DEMOGRÁFICO 1980: Rio Grande do Sul (1982). Rio de Janeiro: IBGE. 3V.
- CENSO DEMOGRÁFICO 1991: Rio Grande do Sul (1996). Rio de Janeiro: IBGE. 6V.
- CENSO DEMOGRÁFICO 2000: Resultados do Universo (2002) Rio de Janeiro: IBGE. + 1 CD
- CONTAGEM da população de 1996 (1997). Rio de Janeiro: IBGE. 2v. + 1CD
- DE PROVÍNCIA DE SÃO PEDRO A ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL: censos do RS: 1803-1950. Porto Alegre: FEE. 330p.
- ESTATÍSTICAS DO REGISTRO CIVIL: 1974-1996 (1979-2000). Rio de Janeiro: IBGE. v. 1-23
- FRIAS, L. A. de M.; CARVALHO, J. A. M. (1994) Fecundidade nas regiões brasileiras a partir de 1903: uma tentativa de reconstrução do passado através das gerações. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 9., 1994, Caxambu. **Anais...** Caxambu: ABEP. 1CD
- FRIAS, L. A. de M.; CARVALHO, J. A. M., (1992). Uma avaliação de fecundidade no Brasil ao início do século. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v.9, n.2, p.193-99, jul./dez.
- FRIAS, L. A. de M.; OLIVEIRA, J. C. (1991) Níveis, tendências e diferenciais de fecundidade do Brasil a partir da década de 30. **Revista Brasileira de Estudos de População**, Campinas, v.8, n.1/2, p. 72-111, jan/dez.
- FRIAS, L. A. de M.; RODRIGUES, P. (1979) Filhos Tidos Nascidos Mortos: um modelo de recuperação das informações censitárias de 1950 e 1960. **Revista Brasileira de Estatística**, Rio de Janeiro, v.40, n.159, p.243-81, jul/set.
- HORTA, C. L. G. ; CARVALHO, J. A. M. de e FRIAS, L. A de M. (2000). Recomposição da fecundidade por gerações para Brasil e regiões: atualização e revisão. In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., Caxambu. **Anais...** Caxambu: ABEP. 1CD
- MANUAL X : técnicas indirectas de estimación demográfica (1986). Nueva York: Naciones Unidas. 318p.
- PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS 1995: Brasil (1996). Rio de Janeiro: IBGE. 73p.

- PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS 1995: Rio Grande do Sul (1996). Rio de Janeiro: IBGE. 70p.
- PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS 1999: Brasil (2000). Rio de Janeiro: IBGE. v.21, n.1
- PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS 1999: Rio Grande do Sul (2000). Rio de Janeiro: IBGE. v.21, n.29
- RECENSEAMENTO DO BRASIL 1920: população (1928). Rio de Janeiro: Ministério da Agricultura, Indústria e Comércio. v.4, pt.1-3
- SHYROCK, Henry S. et al. (1973) **The methods and materials of demography**. 2. ed. Washington D. C. : U. S. Department of Commerce. 2v.
- SINOPSE PRELIMINAR DO CENSO DEMOGRÁFICO 1960: Rio Grande do Sul (1963). Rio de Janeiro: IBGE. 78p.
- SINOPSE PRELIMINAR DO CENSO DEMOGRÁFICO 1970: Rio Grande do Sul (1963). Rio de Janeiro: IBGE. 78p.
- SINOPSE PRELIMINAR DO CENSO DEMOGRÁFICO 1991: Rio Grande do Sul (1994). Rio de Janeiro: IBGE. 355p.
- SINOPSE PRELIMINAR DO CENSO DEMOGRÁFICO 2000 (2001). Rio de Janeiro: IBGE. 1v. + 1CD